

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 137 — Domingo, 22 de Janeiro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO  
FÁBRICA DE CARIMBOS  
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO  
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS  
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA

## UM POETA LUSO-BRASILEIRO

# SOBRE A VIDA TRÁGICA DE TOMÁS ANTÓNIO GONZAGA

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

MODA a gente que tenha lançado a vista sobre um compêndio de literatura portuguesa conhece, ao menos de nome, Tomás António Gonzaga, poeta de irrefutáveis méritos, embora a sua obra quase se resume ao livro «Marília de Dirceu» — testemunho bem vivo dum fervoroso amor, todo inspirado na pessoa de Maria Dorotheia Joaquina de Seixas, moça brasileira por quem Gonzaga se apaixonou, durante o período de 3 anos em que residiu em Minas Gerais, na qualidade de Ouvidor de Vila Rica.

Por virtude da nacionalidade de Marília, a poesia de Gonzaga

reflete-se toda ela do ambiente do Brasil. Daqui resulta uma indeterminação que chegou até hoje sem estar convenientemente resolvida: Gonzaga é um poeta português ou poeta brasileiro?

A favor do Brasil temos o facto dum poema toda inspirada em temas brasileiros, a que devemos juntar a circunstância do poeta ter passado toda a sua mocidade na Baía, mais ou menos sob a influência dos pais, que eram brasileiros de nascimento.

Mas... o que o berço dá a tumba o tira: Tomás António Gonza-

ga nasceu no Porto, foi baptizado na igreja de Miragaia em 2 de Setembro de 1744, voltou do Brasil em 1761 para se matricular na Faculdade de Direito de Coimbra, viveu três anos em Beja, como magistrado e veio a morrer em território português, depois dum exílio de 16 anos em terras de Moçambique.

Português pelo berço, Gonzaga era também português pela cultura. Foi na Lusa-Atenas que a sua mentalidade se firmou em concepções definitivas. Al recebeu, decerto, as influências mais duradouras para a sua formação intelectual. O ambiente estudantil de Coimbra, como depois os anos que serviu em Beja, devem considerar-se dois factores muito importantes em prol da tese da portugalidade do poeta. O problema é, contudo, muito complexo. Em favor da tese contrária depõe um outro facto: Gonzaga tomou parte na conspiração do Tiradentes cujo objectivo consis-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

## SOLENES EXÉQUIAS

por alma de D. Marcelino Franco

SAUDOSO BISPO DO ALGARVE, REALIZAR-SE-ÃO NA IGREJA MATRIZ DESTA VILA, NO PRÓXIMO DIA 27 DO CORRENTE

TODO o Algarve católico conserva ainda vivo o sentimento de profunda e sincera mágoa com que recebeu a notícia do falecimento do nosso venerando e saudoso Bispo, sr. D. Marcelino António Maria Franco.

Em toda a provincia continuam a celebrar-se exéquias, em memória do querido e grande Bispo; a nossa paróquia render-lhe-á essa homenagem, a que se digna presidir o sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo do Algarve, no próximo dia 27 do corrente, sexta-feira, conforme comunicado do rev. Pároco, que publicamos seguidamente:

A Secretaria Paroquial de Vila Real de Santo António cumpre o dever de anunciar que, no próximo dia 27 do corrente, na Igreja Matriz desta vila, serão celebradas solenes exéquias por alma de sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Marcelino António Maria Franco, saudoso Bispo do Algarve, de que foi filho ilustre e prestigioso. Como se trata de uma homenagem oficial do concelho, convidam-se os católicos, em particular e o público em geral a assistir aos

## Regatas internacionais em Alamoente

Do nosso prezado colega «Norte Desportivo», do Porto, transcrevemos a seguinte local:

O alcaide de Alamoente oficiou à embaixada de Espanha, em Lisboa, pedindo a sua intercedência, junto da Federação de Vela, no sentido do dia 9 de Setembro de 1956 ser incluído no Calendário de Provas como dia destinado às regatas que ali se efectuem, por ocasião das festas a Nossa Senhora das Angústias.

Creemos que a F. P. V. não negará deferimento a esta pretensão, sabido como é que as citadas regatas servem interessantes competições, em que estão presentes velas de Sevilha, Huelva, Alamoente, Ponta Umbria, Faro, Olhão, Tavira, Portimão e Vila Real de Santo António.



D. MARCELINO FRANCO

pedidos actos como tributo de reconhecida e saudosa homenagem ao grande e santo Bispo do Algarve. Seria de louvar que o Comércio, a Indústria e os Escritórios encerrassem os seus estabelecimentos às 17

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## CONSTITUIU

expressiva manifestação

de simpatia

A HOMENAGEM AO PROFESSORADO E A SR.ª D. MARIA DOS ANJOS NEVES

TERMINOU, felizmente, em beleza e com resultados altamente satisfatórios para quem nela tomou parte ou assistiu, a nossa iniciativa de prestar o merecido preito de gratidão e carinho aos mestres que educaram o nosso espírito, no dealbar da vida, a propósito da aposentação da nossa querida professora.

Iniciámos esta campanha em 11 de Dezembro findo, neste semanário, e continuámos-la nestas colunas, sem interrupção, durante as 8 semanas precedentes, além de lhe ter sido facultada expansão também pelos principais diários lisboetas, que a todos os cantos do Império e ao estrangeiro levaram a notícia da nossa projectada festa de consagração. E foi assim que antigos alunos dos pontos mais distantes, mesmo os que não lêem o «Notícias do Algarve», vieram associar-se a nós, enviando as suas ofertas e dando-nos apoio através dos numerosos telegramas e cartas recebidos. Estão neste caso

conterrâneos nossos que residem em S. Tomé, Moçambique, Açores, Madeira, etc., e que não faltaram ao apelo da saudade e da consciência. Dado que todos os meios de difusão foram utilizados (só faltou a Rádio...), cremos que dois meses chegaram bem para que se não correspondesse quem não quis ou quem não pôde.

Como fora anunciado, teve lugar a sessão solene, no salão de festas da Associação Democrática, no passado domingo, dia 15. O recinto estava elegantemente ornamentado, pela boa vontade de algumas sr.ªs professoras, que gentilmente colaboraram para que tudo obtivesse o maior luzimento. Aproximados, pois, agradecer às sr.ªs D. Amélia Serpa, D. Fernanda Cavaco, D. Luísa Alves Nunes e sr. prof. Caldeira Alexandre a espontânea e útil cooperação dispensada.

Perante uma numerosa assistência, em que se vieram Ex.ªs Au-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Solidão, al dão, al dão...

Já li que «a solidão é fundamental». O artista deve isolar-se, «escutar o silêncio». E mais: que, tal como a borboleta queima as asas na chama, o artista queima as asas na realidade... Rematada tolice! Tão insensata que uma pessoa fica logo de pé atrás: quem cerca os muros de vidros interessa-lhe impedir o acesso ao pomar. Deixem o pomar estar como está; sendo, ferem-se nos vidros...

Às vezes, porque não confessar?, sinto-me cançada. Minto. Cançada, não. Gasta. Minada por esta solidão de fim do mundo. Uma sensação de vazio, já experimentaram? Nada ocorre. Um poema, um verso, uma frase que seja. Para mim, a «solidão não é fundamental». A solidão é o manto com que se cobre o deserto. E eu não amo o deserto. Amo a vida, amo a realidade. Sou como os aparelhos de rádio: só trabalho bem quando ligada à terra...

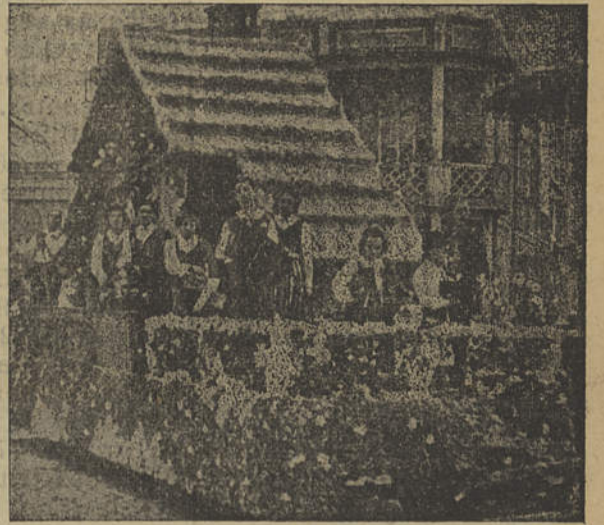
Terra Amada

Ligada à terra. Souberam, não é verdade?, do tremendo desastre de Albufeira. A água a subir e, com ela, o terror e a morte. O jornal, textualmente, dizia: «Em dado momento, o ajudante de motorista Armando da Conceição Silva, de 43 anos, morador no serro de Malpique, deste concelho, viu que uma criança ia na enxurrada. prontamente, atirou-se à água, salvando a criança, mas para isso esteve durante cerca de duas horas agarrado a uma árvore. Mais tarde foi salvo por alguns populares.» O meu coração transbordava de alegria, de orgulho. Orgulho deste povo criador de heróis—estes, sim, autênticos.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

Loulé continua a movimentar todos os recursos do seu acendrado e entusiástico baillarismo para que os festejos comemorativos do Cinquentenário do seu Carnaval, que têm lugar este ano, se revistam do maior brilho e esplendor.

Grande cartaz turístico, o carnaval louletano oferece, a quem visitar o Algarve na quadra encantadora das amendoeiras floridas, uma das mais expressivas facetas do temperamento alegre e acolhedor dos algarvios.



## HOMENAGEM

ao saudoso dr. João Dias

DENTRO de dois meses, em princípios de Março próximo, às primeiras horas do dia, faz um ano que a terrível no-

Reparação dos estragos causados pelos temporais

Além das verbas já concedidas pelo sr. ministro das Obras Públicas aos concelhos de Alcoutim e Castro Marim, para reparação de vias municipais danificadas pelos temporais e a que já fizemos referência, foram agora concedidas mais as seguintes verbas às Câmaras de: Albufeira, para reparação nas vias municipais, 11.800\$00; Alportel, idem, 52.200\$00; e para reparação da estrada municipal de Tavira a S. Brás de Alportel — estrada nacional n.º 270 — lanço de S. Brás ao Peral, 1.ª fase, 100.000\$00.

tícia correu célere através de montes e vales, e dentro em pouco era conhecida em toda a Província, espalhara-se pelo Alentejo além e fazia correr lágrimas das mais sentidas em todos os corações reconhecidos. Morrera o dr. Dias. Deus chamara a si o maior benemérito do concelho de Alcoutim, o médico dos pobres, como era conhecido pela maioria dos necessitados, a quem tantos ficaram devendo a vida e a saúde.

Tivemos a felicidade de conviver com ele, no mais doce ambiente familiar, os últimos momentos da sua vida saudável; mas tivemos também a maior infelicidade da nossa existência, de estarmos com ele desde o início do terrível mal até se extinguir o último sopro de vida. Que imagem! Que horror! Embora decorrido quase um ano, por mais que tentemos afastar de nós esta visão, ela persegue-nos a cada instante, e nem o tempo nem a distância a poderão apagar, tão viva ela está na nossa mente.

O seu funeral, a maior manifestação de dor a que temos assistido, traduz bem o quanto era por todos

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## CRÓNICAS DO TEMPO MORTO

Por N. RODRIGUES PENA

CONHECI-O ainda muito novo, e as nossas relações, embora nunca atingissem intimidade, datam dos bancos da escola. Durante muito tempo ignorei a sua existência e esqueci aquele rapazito enfezado, ostentando nas faces macilentas uns grandes e aguçados olhos que, por vezes, lembravam o olhar manso e triste dos vitelos. Era um aluno aplicado, metódico, muito trabalhador. Nas horas de recreio, quando a maioria da rapaziada discutia futebol ou cinema nos sombrios corredores do velho casarão da

escola, ou se atrevia pelas ruas da Baixa a admirar as montras dos estabelecimentos comerciais e a namoriscar as pequenas, António de Castro e Melo, ou, simplesmente, o Castro, subia os dois pisos da Biblioteca Municipal e passava horas e horas a manusear livros bolorentos, grandes cartapácios, veneráveis obras escritas com sapiência por senhores muito respeitáveis e ilustres.

Apodaram-no de filósofo, filósofo o Castro, ou o Casto. Ele, por sua vez, não se preocupava com os remosques. Intimamente, achava-lhes saboroso chiste. Sorria-se, um sorriso muito débil, muito equívoco, a que alguns atribuíam ingenuidade, e outros, os menos puros, o classificavam de hipócrita e salafário. Pobre rapaz! Nas aulas, bem poderia considerar-se um aluno sossegado, quase um modelo. Sempre bem comportado, comedido nos gestos e nas palavras, reduzido à insignificância de aluno comum.

Mais tarde, quando rolaram os anos, todos ainda nos lembrávamos do Martins, o corpanzil do Martins, o Martins que era estrábico e era o urso da turma, o notável Martins que um dia em história travou uma bestial discussão com o professor acerca do Mar-

Dois poetas algarvios homenageados pelo Município de Lisboa

A Câmara Municipal de Lisboa deliberou dar a duas novas ruas da capital os nomes de Cândido Guerreiro e Bernardo de Passos.

Porque este preito à memória dos dois grandes poetas algarvios representa, além de uma exaltação das belas letras, uma homenagem ao Algarve, agradecemos ao município lisboense o acto de justiça que praticou e que envolve uma deferência pela nossa provincia, que não queremos deixar passar sem registo.

quês de Pombal; o Martins que teve a coragem de, nas barbas do velho Loureiro, dizer que o sr. Marquês de Pombal não passara de um vil tirano igual aos Pisis-trato e aos Nero; o Martins, o grandalhão da turma, que tinha o ar de um «boxeur» e sabia toda a matéria na ponta da língua. Qual de nós se esquecera do Martins? E qual de nós se não lembrava do Arnaldo, o Sequeira das «lérias», nascido lá para as bandas de Vi-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

apresenta  
UMA CRÓNICA  
por semana

O «SCOOTER» é uma máquina especialmente concebida para facilitar um meio de transporte individual, fácil, cómodo, rápido e relativamente económico, de que a vida social, extraordinariamente dinâmica e apressada da nossa época, necessitava.

Na verdade o «scooter», é um meio de transporte indispensável a quem trabalha e não pode manter um automóvel, embora necessite de se deslocar com frequência e rapidez.

Este meio de transporte, porém, não obteve ainda o lugar a que tem direito na

orgânica da vida social portuguesa. Principalmente, não é olhado com bons olhos por aqueles que se sentem prejudicados com a sua expansão, ou porque julgam que lhes fazem diminuir os fregueses ou porque pensam que lhes venham roubar, nas estradas e nas ruas, o espaço que julgavam ser somente seu. No entanto, sem que o pensem, muitos desses indivíduos são frequentemente favorecidos por quem normalmente se utiliza desses veículos.

Um dos casos que merecem estudo cuidadoso e atento

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chogadas

Acompanhado de sua família, encontra-se em Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. António dos Santos Rita, conceituado industrial da nossa praça.

Regressou de Lisboa a sr.ª D. Cremilde da Rosa Ferreira, acompanhada de seu esposo, sr. José Ferreira, nosso prezado assinante nesta vila.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. José dos Santos Quintino, nosso estimado assinante em Odeleite.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o sr. José Mendes Telo, nosso estimado amigo e assinante, residente em Faro.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Emilio Ramirez, conceituado industrial da nossa praça, residente no Porto.

A fim de tomar parte nas festas de homenagem à professora sr.ª D. Maria dos Anjos Neves, esteve entre nós o nosso prezado confraternal sr. Manuel Pinhol da Encarnação, comerciante em Lisboa, tendo-nos dado o prazer da sua visita à nossa redacção.

Foi classificado Guarda-Livros do quadro das Agências do Banco Nacional Ultramarino, depois de ter prestado, para tal efeito, provas em Faro, o nosso estimado amigo e assinante sr. Artur Aleixo Horta funcionário do mesmo banco em Loulé.

Tivemos o prazer de ver nesta vila os nossos prezados amigos e assinantes srs. Diamantino e Floripes de Sousa Cardoso.

Esteve em Lisboa o nosso estimado amigo e assinante sr. Luis Cardoso de Figueiredo, dedicado comandante dos Bombeiros Voluntários e vereador da Câmara deste concelho.

Em casa de sua família em Lisboa, encontra-se a passar algum tempo, a nossa prezada assinante sr.ª D. Alice Martins da Graça.

Com sua esposa, regressou de Huelva o nosso prezado assinante sr. Vicente Rodrigues Peral.

De visita a seu filho Adriano, que foi operado, esteve em Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. Fernando Silveiro Leiria.

Com pouca demora, esteve nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. Teófilo Rita Néné, residente em Lisboa.

Vindo de Lisboa, esteve nesta vila a assistir à homenagem a sua irmã, tendo já regressado a sua casa, o nosso estimado amigo sr. cap. José António Simões Neves.

Foi a Lisboa tratar de assuntos de interesse da sua indústria o nosso prezado amigo e assinante sr. António Rosa Mendes, sócio gerente da Moagem de Canela.

Pedido de casamento

Em Lisboa, pelo sr. Joaquim Henriques de Carvalho, foi pedida em casamento, para seu filho Fernando da Silva Carvalho, a menina Maria de Lourdes Carapeto de Sousa Ramos, filha da sr.ª D. Judite de Brito Carapeto Ramos e do sr. tenente João Mendes de Sousa Ramos.

Casamento

Em Tavira, no dia 28 de Dezembro de 1955, na Capela de Santa Margarida, teve lugar o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Eduarda Fernanda dos Santos, filha da sr.ª D. Ermelinda Vicente dos Santos e do sr. João Luis dos Santos já falecido, com o sr. Luis Carapeto Dias, filho da sr.ª D. Maria da Conceição e do sr. José Rosa, já falecido. Foram padrinhos, por parte da noiva, o sr. José de Oliveira e sua esposa sr.ª D. Joaquina de Oliveira, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Catarina da Conceição Gil e o sr. Manuel Barriga.

Aos noivos, desejamos muitas felicidades.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Mercadorias exportadas

No mês de Novembro findo, foram exportadas as seguintes mercadorias: Óleo de sardinha, 364.374 quilos, no valor de 1.802 contos. Cortiça em bruto, 10.246 toneladas, no valor de 78.665 contos; cortiça manufacturada, 2.213 toneladas, no valor de 55.902 contos. Conservas de peixe, 6.522 toneladas, no valor de 98.470 contos, das quais 192 toneladas de atum em azeite, no valor de 4.339 contos e 5.489 toneladas de sardinha, no valor de 77.734 contos. Alfarroba triturada, 530 toneladas, no valor de 720 contos. Amêndoa em casca, 88 toneladas, no valor de 1.160 contos, e amêndoa em miolo, 883 toneladas, no valor de 32.242 contos. Figos secos, 1.038 toneladas, no valor de 8.706 contos. Conservas de produtos hortícolas, 393 toneladas, no valor de 2.522 contos.

E' curioso verificar o índice de preços da cortiça, que sendo de 100 em 1948, atingiu em Outubro findo o índice de 533. Em Maio, o índice foi de 529, descendo para 515, no mês seguinte e mantendo-se o índice de 516 em Julho e Agosto, para subir em Setembro para 531. E' caso para dar parabéns aos produtores de cortiça.

Plantação de árvores em Espanha

A Comissão Provincial de Repovoação florestal de Almeria, dependente do Instituto Nacional de Colonização, plantou nos campos de Huercal-Overa oliveiras, amendoiras, figueiras e alfarrobeiras, numa área de 326 hectares, no que foram dispendidas 1.059.200 pesetas. Deste trabalho de repovoamento beneficiaram 82 agricultores-proprietários.

Esta notícia traz-nos à memória o muito que se tem dito, escrito e prometido acerca do repovoamento florestal das escavadas serras da nossa provincia.

A pesca em Setúbal

Como já dissemos, foi desanimador o ano piscatório em Setúbal. Nas lotas industrial e de consumo, transaccionaram-se, no ano findo, 4.633.030 quilos de pescada, com o valor de 25.648.134\$00, sendo assim a discriminação por lotas: lota industrial, 3.013.032 quilos, no valor de 15.381.324\$00; lota de consumo, 1.619.998 quilos, no valor de 10.266.810\$. A discriminação por espécies é a seguinte: sardinha, 2.312.548 quilos, no valor de 12.365.519\$00; outras espécies, 2.320.482 quilos, no valor de 13.282.615\$00. A indústria adquiriu 2.230 toneladas de sardinha, no valor de 11.950 contos.

ÓCULOS para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a: Agência Comercial e Marítima do Sul - Telefone 76 - Vila Real de Santo António

OS Nossos Bombeiros Voluntários na catástrofe de Albufeira

Na ocasião do terrível temporal que assolou a vila de Albufeira, no passado domingo, a nossa benemérita Corporação de Bombeiros Voluntários também acudiu imediatamente aos apelos feitos pela E. N. e por outras entidades, deslocando as suas viaturas e pessoal àquela vila, a prestar socorros, donde só voltaram na madrugada seguinte.

catório em Setúbal. Nas lotas industrial e de consumo, transaccionaram-se, no ano findo, 4.633.030 quilos de pescada, com o valor de 25.648.134\$00, sendo assim a discriminação por lotas: lota industrial, 3.013.032 quilos, no valor de 15.381.324\$00; lota de consumo, 1.619.998 quilos, no valor de 10.266.810\$. A discriminação por espécies é a seguinte: sardinha, 2.312.548 quilos, no valor de 12.365.519\$00; outras espécies, 2.320.482 quilos, no valor de 13.282.615\$00. A indústria adquiriu 2.230 toneladas de sardinha, no valor de 11.950 contos.

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA) ticos heróis. Não sei se os educadores portugueses ensinarão às crianças portuguesas este nome: Armando da Conceição Silva. Não sei. Sei que decoro mais um nome. Um nome bom. «Uma palavra que faz viver» como dizia Paul Eluard.

Sete espadas

Título enorme. Letras maitisculas, a preto. Frase que soa aos meus ouvidos como um toque à rebate: «O rearmamento alemão está em franco progresso.» Sete palavras. Tremo. Será que os homens não sentirão o perigo? Será que o instinto das mulheres, mais afeto à dureza da vida, à infelicidade, ao luto, capta, com mais intensidade, os sinais perigosos? Sete palavras. Nossa Senhora das Dores com sete espadas no peito.

Sels mil

Conta Lopes de Oliveira, no livro «Guerra Junqueiro — sua vida e sua obra», que do livro A Pátria se venderam, em cinco dias, seis mil exemplares. Admirável, não é verdade! Guerra Junqueiro amava a sua Pátria. Era para ela que escrevia. Conhecia o segredo da Poesia. O segredo de toda a arte. Sabia que o segredo de todos os grandes artistas se chama povo... O povo ignora a quem o ignora. Pois não é? Convido todos os poetas que me lerem a meditar profundamente na lição que tem por título: seis mil exemplares vendidos em cinco dias...

Retrato

Uma senhora baixa. Gordas. Senhora pipocas. Já não muito nova. Uns óculos redondos e fortes como que para proteger eficazmente os olhinhos risinhos e mexidos. A cara é larga, maciça, quanta carne mal empregada naquele farto, duplo queixo! Depois, a gente reparava-lhe no nariz miúdo e não pode furtar-se à impressão de que ficou assim por falta de material.

Semela, ô vento, as palavras amorosas!

A vantagem da paz sobre a guerra está em que ninguém consegue demonstrar a vantagem da guerra sobre a paz.

Um dia disponível

Na terça-feira tive um dia disponível. Uma fruta que há muito tempo não saboreava. Casaco verde oh lá lá, e não há frio que se atreva comigo. O Sol deu-me o braço e lá fomos, como dois velhos amigos. Nunca vi uma pessoa a quem tantas cousas aconteçam! Pa-



PROVINCIA

PORTIMÃO

Nota Em plena baixa, Portimão, como todas as cidades que se prezam, tem um velho coreto, desconjuntado e amorfo, mostrengo sem graça e inútil. Inútil, porque só muito raramente, nalgumas datas festivas, o nosso coreto sai do silêncio em que o mergulharam e serve para o que o criaram: dar música à terra.

Ora, acontece que a terra não tem música. Há muito que as bandas que por cá passaram fazem parte do nosso álbum de recordações. E assim, o coreto vai apodrecendo sem préstimo, salvo em dois ou três dias por ano — as tais datas festivas.

Há certo tempo, um comerciante cá do burgo imaginou em estratagem engraçado, que simultaneamente dava música à terra e vida ao coreto, dispensando a banda. Dois ou três alto-falantes pendurados do coreto, um amplificador de alta potência, um gravador de som com programas de música e publicidade comercial, e estava a festa armada, com licença, claro está, da Câmara Municipal. Simples e razoável, muito razoável, mesmo...

Ora nós não concordamos. Somos de opinião que, se há que se prolongar a vida do coreto, ao menos que ele sirva para alguma coisa. E achamos que se ele não pode ser explorado por qualquer particular, que o seja ao menos pela Comissão Municipal de Turismo.

Senão, pensemos seriamente em demolilo e em elevar no seu lugar uma memória ao grande escritor e político portimonense, que foi Manuel Teixeira Gomes.

De qualquer maneira, talvez fosse esta a melhor solução. Sempre considerámos o coreto um fraquíssimo motivo ornamental. Quanto à necessidade de uma memória a Teixeira Gomes, é assunto que melhor estaria na pena de Marcos Algarve...

Carnaval

Este ano, ao que nos parece, o Carnaval em Portimão, não será comemorado como vinha sendo de há uns anos a esta parte. Por enquanto, dos tradicionais festejos carnavalescos, apenas foram anunciados os bailes de máscaras nas sociedades recreativas. E é pena, porque o Carnaval em Portimão, além de constituir um bom atractivo turístico, vinha sendo, de ano para ano, mais interessante...

Adega regional

Estão já à venda no mercado os primeiros vinhos da Adega Corporativa de Portimão, criada o ano passado. Deste modo, o Algarve, que na opinião de Joaquim Ferreira Moutinho, poderia produzir o melhor vinho do mundo, passa a contar com mais uma entidade produtora de real valia.

Xadrez

Na Casa da Mocidade, foi criado há pouco o Centro de Xadrez, jogo que nesta cidade conta já com um elevado número de praticantes. Assim, a M. P., procurando incutir nos seus filiados o gosto pelo Xadrez, contribui bastante para o aumento de xadrezistas em Portimão, o que é absolutamente louvável.

rece que tudo está a postos, peça montada, actores nos seus lugares, tudo à espera que eu chegue para se levantar o pano. Eu ia apenas passear, aprender luz, cor, encher os pulmões debeis de ar puríssimo. Dei com um rapazola a armar a palma. Vende, depois, os passarinhos a uma taberna. Vi um par de ciganos ajoelhados ao pé de um cão doente, não sabiam de quê. Um trapeiro ordenando farrapos e papéis a descobrir-se, aterrorizado, a perguntar se eu era da Câmara. Diga, tiozinho. A senhora é da Câmara, é visitadora, se calhar vem-me fazer mal... Aterrorizado. Vi uma menina descalça a apunhar leitugas para os coelhos...

Partira com as mãos vazias. Procurara luz, cor. Encontrei. Não a luz e a cor deste princípio de inferno impressionista. Ainda e sempre, a cor e a luz do mundo humano... E foi assim que, mais uma vez, minhas frágeis mãos se cumpriram em verdade e em Poesia.

Maria Manuelis Nunes

Pesca

O saudável desporto da pesca vem sendo, em Portimão, cada vez mais popular. Com a construção total do molhe Oeste do porto de abrigo, já não é necessário preparar às rochas para pescar. A coisa tornou-se fácil. Ali, mesmo, sobre um bloco, com merenda e rádio portátil para ouvir música ou escutar os relatos dos desafios de futebol, se pesca. E às vezes, quando o mar e o tempo estão de feição, pesca-se mesmo...

Às vezes, quando o mar e o tempo estão de feição, pesca-se mesmo. Ao lado dos profissionais de há cinco anos, vem colocar-se agora uma chusma de amadores de toda a sorte e feitio. E o certo é que as novas descobertas da pesca portimonense já não temem, munidos de um respeitável carrete e outros apetrechos, dar de quando em quando uma saltada até Sagres, para trazerem uma perninha de pesca e conviverem com os mestres nacionais da modalidade.

Não há dúvida. A pesca entusiasmau Portimão. — E.

TAVIRA

Domingos em Tavira

No passado Domingo, verificou-se mais uma vez a insipidez citadina. A chuva morrinhenta que de vez em vez apareceu não deixou de nos brindar com o seu constante aborrecimento. Os Domingos deveriam ser dias excepcionais para os que trabalham se distraem das agruras da vida. Este, então, foi dos piores em matéria de distrações. Temos um Museu e uma Biblioteca Municipal, que se encontram encerrados. Temos uma Banda de Música, que é mantida por sócios auxiliares e pela boa vontade da Câmara Municipal e que, por motivos vários, passa meses e meses sem dar concertos no esplêndido coreto que temos no nosso Jardim. Francamente, como dizia o poeta, esta Tavira, é a cidade onde a gente se aborrece...

Bus... As escuras

A nossa freguesia da Luz de Tavira, uma das maiores contribuintes do concelho, continua em maré de pouca sorte. Quem, como nós, diversas vezes na semana, passa por ali ao sol posto, verifica com profundo pesar que está abandonada dos poderes públicos. Possui uma boa instalação eléctrica que ainda não foi inaugurada, não sabemos por que razões, e isto se arrasta há meses. Francamente, dizemos, se não havia possibilidade de fazer a ligação eléctrica, porque se gastou tanto dinheiro para a referida aldeia continuar às escuras?

Abortos urbanos

Uma das artérias mais centrais de Tavira é a Rua da Liberdade. Basta dizer que por ali é feita a passagem principal de quem vem do Barlavento e de quem vem do Sotavento do Algarve. Por isso mesmo, temos a sorte de ter uma rua muito movimentada, verdadeira sala de visitas de Tavira. Porém, não há bela sem senão. Há uns quantos «abortos» nesta artéria, que seria tão fácil eliminar para bem de quem nos visita! A casa amarela, no quarteirão seguido aos Correios; o quintal da casa do falecido capitão Rolo; o portão da Horta do Chucho; e o edifício onde está instalada a marcenaria Capelinha. São uns auténticos «mamarachos» que, para decora da cidade, deveriam ser alindados ou desaparecerem.

O Pão

Temos acompanhado as polémicas que vão por esse País acerca do pão que comemos. Uns dizem que é defeito da fabricação, outros dizem ser defeito das farinhas com que o mesmo é manipulado. O que é certo é que, tantos anos passados depois da guerra, continuemos a comer pão que não corresponde às necessidades actuais. Os padeiros dizem que as entidades oficiais devem dar plena liberdade de compra da farinha aos industriais, pois enquanto isso não se fizer não haverá bom pão no nosso país. O industrial deve levantar a farinha na fábrica onde veja que melhor o servem. Que interesse tem a indústria moageira em apresentar bom artigo, se não tem concorrência? Porque se não experimenta esta sugestão dos industriais de padaria, para ver se o público será ou não beneficiado na qualidade do artigo de primeira necessidade? — E.

Campeonato de Bilhar

Terminou há dias o campeonato de bilhar, levado a efeito no Café Império, inter-clientes. Além do 1.º prémio, constituído por um valioso taco, foram disputadas também valiosas taças. A classificação foi a seguinte: 1.º — Sr. Manuel Horta. 2.º — Sr. Emilio Ferreira. 3.º — Sr. António Brito.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 14 a 20 de Janeiro:

Saídos: COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério. ZÊ MANEL, Português, para Lisboa, com minério. MONTEADOR, Português, para Aiamento, vazio.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 21 a 27 de Janeiro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

EXPOSIÇÃO de pombos correios

Organizada pelo Grupo Columbófilo Guadiana, teve lugar no sábado a abertura da 1.ª Exposição de Pombos Correios, nas salas da Associação Democrática. Hoje, domingo, a exposição abre às 10 horas, estando patente ao público depois de inaugurada.

Serão atribuídos 5 valiosos prémios aos melhores exemplares que reúnem as características aprovadas pela Federação Columbófila Internacional.

No próximo número, daremos informações mais detalhadas.

Falecimentos

D. Ludovina Gomes Rebocho

Em Lisboa, onde há tempos residia na companhia de seu filho, faleceu no dia 16 do corrente a sr.ª D. Ludovina Gomes Rebocho, viúva, de 75 anos de idade, natural desta vila, onde gozava de grande estima e consideração.

A saudosa extinta era mãe dos nossos queridos amigos srs. Joaquim da Costa Rebocho, consagrado pintor de arte e conservador da zona dos monumentos de Lisboa, e Manuel da Costa Rebocho, distinto arquitecto em Faro. O seu funeral realizou-se no dia seguinte, da Basílica da Estrêla, para o Cemitério da Ajuda.

A família enlutada, e em especial aos seus desolados filhos endereçamos a expressão do nosso vivo pesar.

João Baptista Forra

No dia 18 de Janeiro corrente, faleceu nesta vila o sr. João Baptista Forra, de 63 anos, mestre de fabrico na firma Parodi desta vila, natural desta freguesia.

O extinto deixa viúva a sr.ª D. Avelina Rodrigues Forra e o seu funeral, que teve lugar no dia seguinte para o Cemitério Municipal, teve grande acompanhamento de diversas individualidades e muito povo, em virtude da estima de que o finado aqui disfrutava.

As nossas sinceras condolências à família enlutada. O serviço funerário esteve a cargo da «Agência Patrocinio».

CARNAVAL

SERRENTINAS e CONFÉTIS — em lindas cores — MÁSCARAS, SURPRESAS, BRINQUEDOS e FOGOS DE ARTIFÍCIO — próprios para Carnaval —

Aos melhores preços. Preços especiais para revenda. Peça Catálogos grátis à Casa especializada nestes artigos.

ANTÓNIO TORRÃO - Telefone 304 - GOVILHÃ

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República - Telefone 12

# RAUL FOLQUE & FILHOS, L.<sup>DA</sup>

Para os devidos e legais efeitos, se publica que, por escritura de 24 de Setembro de 1949, lavrada nas notas deste Cartório Notarial, foi alterado o artigo 2.º do respectivo pacto social, aditado ao artigo 5.º do mesmo pacto mais um parágrafo, que fica sendo o 4.º, ao artigo 6.º do citado pacto mais um parágrafo, que fica sendo o 2.º e ao aludido pacto social aditados mais os artigos 12.º, 13.º e seu parágrafo único, 14.º, 15.º, 16.º e 17.º, e, em consequência, alterada a numeração do actual art. 12.º do mesmo pacto para a do artigo 13.º, da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Vila Real de Santo António «Raul Folque & Filhos, Lda», constituída por escritura de 5 de Janeiro de 1948, lavrada nas notas deste Cartório Notarial.

Que os artigos e parágrafos, agora aditados e alterados, ficam a ter a seguinte redacção:

**Art. 2.º**  
O seu objecto consiste na exploração de qualquer ramo de comércio ou indústria de livre exercício ou para que tenha autorização, em que os sócios acordem, e, bem assim, a exploração da indústria da pesca.

**Art. 5.º**  
**Parágrafo 4.º**  
A administração, gerência e direcção da sociedade só poderá ser exercida por portugueses, ou, como tal naturalizados.

**Art. 6.º**  
**Parágrafo 2.º**  
É, porém, expressamente proibida a cessão ou alienação total ou parcial, por qualquer forma, de quotas a estrangeiros ou a sociedades dirigidas ou administradas por estrangeiros, embora estas sociedades sejam nacionais, quanto à sua constituição e sede.

**Art. 12.º**  
As quotas sociais nunca poderão estar sob a dependência ou orientação de estrangeiros ou de sociedades dirigidas ou administradas por estrangeiros, ainda que estas, pela sua constituição e sede, sejam nacionais, sob pena das mesmas quotas passarem para a posse do Estado.

# RAMIREZ & C.<sup>A</sup> (FILHOS), L.<sup>DA</sup>

Por escritura de 15 do mês corrente, lavrada no cartório notarial de Matosinhos, a cargo do notário licenciado Duarte Gustavo de Robredo e Castro, foi alterado o pacto social da firma Ramirez & C.<sup>A</sup> (Filhos), Lda., sociedade por quotas, com sede em Vila Real de Santo António, tendo sido modificado o artigo 1.º quanto ao objecto da sociedade, aumentando-se mais um artigo e passando o 7.º a ser o 8.º, os quais passam a ter a seguinte redacção:

**1.º**  
A sociedade adopta a firma Ramirez & C.<sup>A</sup> (Filhos), Lda., tem a sua sede na Avenida da República, 37, em Vila Real de Santo António, e durará por tempo indeterminado, contando-se, para todos os efeitos de direito, o seu início em 1 de Janeiro de 1940, e o seu objecto é a exploração da indústria e comércio de conservas de peixe e a indústria da pesca, podendo, no entanto, explorar qualquer outro ramo de comércio ou

**Art. 13.º**  
Se por successão legítima ou testamentária alguma quota ou parte dela ficar pertencendo a estrangeiros, terão estes de alienar a cidadão ou cidadãos portugueses, dentro de seis meses contados da data em que tenham entrado na sua posse efectiva.

**Parágrafo único**  
No caso previsto neste artigo, a sociedade em primeiro lugar e os sócios, depois, poderão usar do seu direito de preferência na aquisição das quotas ou parte delas e efectuar o seu pagamento, nos termos do art. 6.º e seus parágrafos.

**Art. 14.º**  
A sociedade não poderá, em caso nenhum, transferir a sua sede para fora do Território Português e a exploração que é seu objecto nunca poderá ser orientada em prejuízo da economia geral ou local, ou em detrimento da soberania portuguesa ou qualquer parte do Território do Continente, Ilhas Adjacentes ou Colónias.

**Art. 15.º**  
A sociedade, por intermédio da sua gerência, fica com direito de verificar as condições de nacionalidade de qualquer sócio, sempre que o julgue necessário ou conveniente, sendo os sócios obrigados a facultar essa verificação em qualquer caso.

**Art. 16.º**  
A sociedade fica, em todos os casos, submetida à legislação em vigor e sujeita a dar cumprimento a todas as requisições e ordens, por motivo de política interna ou externa, emanadas das Autoridades competentes, e, em caso de guerra, as suas embarcações ficam às ordens do Governo Português.

**Art. 17.º**  
A gerência responderá pelo exacto cumprimento do art. 15.º e seus parágrafos do Decreto n.º 15.360, de 9 de Abril de 1928.

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, 20 de Janeiro de 1966.

O Ajudante do Cartório,  
Manuel Clemente

indústria em que os sócios acordem.

**7.º**  
Esta sociedade, que é constituída por cidadãos portugueses, submete-se expressamente aos preceitos do Decreto n.º 15.360, publicado em 14 de Abril de 1928, nomeadamente ao disposto no seu artigo 15.º e seus §§ 1.º, 2.º e 3.º, não poderá ser gerida senão por portugueses ou como tais naturalizados, e nenhuma quota poderá ceder-se ou alienar-se por qualquer forma, no todo ou em parte, a favor das pessoas físicas ou jurídicas estrangeiras nem estar sob a dependência ou orientação destas pessoas ou administradas por estrangeiros, mesmo que sejam sociedades nacionais quanto a sua constituição e sede, sob pena de passar a mesma quota para o Estado, e quando, por successão legítima ou testamentária, ficar pertencendo uma quota, total ou parcialmente, a estrangeiros, serão estes obrigados a alienar a

cidadãos portugueses aquilo que houverem adquirido, dentro do prazo de seis meses, contados desde o dia em que tenham entrado na sua posse efectiva.

**8.º**  
Em tudo o omissão regularão as disposições da Lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicável.

Matosinhos, 16 de Junho de 1955.  
O Ajudante do Cartório Notarial,  
Augusto Clemente de Sousa



## DESPORTO

**Campeonato Distrital de Juniores**  
O que só virá beneficiar o Sporting Clube Olhanense...

### O Olhanense conquistou o torneio regional

Fica bem entregue nas mãos do Sporting Clube Olhanense o título de campeão do Algarve de Juniores. Foi com todo o merecimento que a jovem turma de Olhão conquistou um torneio, que teve o seu epítelo no domingo passado. Das equipas que participaram na prova, o Olhanense e o Fareense foram as únicas que apresentaram bom futebol, ficando, pois, o Algarve a ser representado no Nacional, que principia domingo próximo, pelo campeão e sub-campeão, respectivamente, Olhanense e Fareense. Em Olhão recebeu-se com todo o jubilo mais esta taça, que fica marcando a terceira consecutiva nesta prova de jovens...

### Campeonato Nacional da II Divisão

Em Olhão, jogou-se no domingo passado o encontro de futebol entre os grupos de Olhão e do Montijo, triunfando, como se esperava, os locais. Ao intervalo, a equipa algarvia já vencera por 2-1. Boa arbitragem.

Em Portimão, o jogo entre o grupo local e o Elvas terminou com seis a zero, a favor dos visitados. Resultado expressivo, mas lógico. Boa arbitragem.

Em Lisboa, o Fareense conquistou frente a Olivais excelente empate a duas bolas. Este resultado vem criar novos alentos na turma algarvia. A arbitragem foi «caseira».

### O dr. Matta Arthur está demissionário?

Consta nos meios affectos ao clube da vila cubista que o seu prestigioso presidente da Direcção, o médico Matta Arthur havia pedido a demissão do cargo que vem a ocupar tão brilhantemente. Os motivos de tal decisão são desconhecidos da massa associativa. Com ele, pediu também a demissão o secretário, João Vaz Velho de Freitas. Preparar-se — segundo o que se diz — uma campanha de sócios, que irão junto do distinto presidente para que não abandone a colectividade. E nós esperamos que ele retire o pedido de demissão.

## TÊNIS DE MESA

Terminou, em 16 do corrente, o Torneo de Tênis de Mesa organizado pelo Glória Futebol Clube. Como prevíamos no nosso último número, venceu, sem derrotas, a equipa do clube organizador, classificando-se em 2.º lugar o Lusitano, com uma derrota, em 3.º a Flor de Lis, com três derrotas, em 4.º, 5.º e 6.º respectivamente o Nautico, o Atlético e o Ceileiro, com quatro derrotas e em 7.º a Académica, com cinco derrotas.

Os resultados das últimas jornadas foram os seguintes:

Ceileiro,	5 — Nautico,	3
Lusitano,	5 — Flor de Lis,	3
Atlético,	5 — Ceileiro,	2
Glória,	5 — Académica,	0
Lusitano,	5 — Nautico,	2

Findo o Torneo, teve lugar uma curta sessão para entrega dos prémios aos três primeiros classificados, a qual foi feita pelo vice-presidente da Direcção do Glória, sr. Manuel Cipriano, que felicitou os concorrentes pelo brio e correcção de que sempre usaram. Falou depois o capitão da equipa vencedora, que disse fazer votos de que à competição que acabava de se realizar outras se seguissem, com vistas a uma maior projecção do ténis de mesa, desporto interessante, a todos os títulos, na juventude da nossa terra. Salientou ainda o incremento que à prática do popular pingue-pongue tem sido dado nos últimos tempos nesta vila pelo Glória e pelo Nautico, com a efectivação de torneios inter-sócios e inter-clubes, exemplo que, confiava, fosse em breve seguido por todos os outros clubes locais que para tal reúnem condições.

**Nas Delegações Aduaneiras**  
De processo de — Confencioso Aduaneiro — apenas com interven-

ção de — solicitador — ou com a intervenção deste e de advogado.

**Nos Tribunais Judiciais**  
De causas e inventários e de requerimentos avulso, apenas com a intervenção de — solicitador — e com a intervenção deste e de — advogado.

**Nas Conservatórias do Registo Predial e Commercial**  
De requerimentos e obtenção de documentos para — os diversos actos de registo.

**Nas Secções de Finanças**  
De requerimentos — para efeito de liquidação de selo de trespasse e novo arrendamento de estabelecimentos comerciais ou industriais — Mudanças de prédios nas matrizes — Pedidos de avaliação — Inscricção e baixa dos contribuintes nas respectivas matrizes — Relações de bens — Reclamações e Recursos sobre Contribuições e Impostos.

**Nas Câmaras Municipais**  
De pedidos de alvarás — de requerimentos, respeitantes: Ao abastecimento de água — Sobre veículos e bicicletas — Sobre vistorias — Sobre passaportes — Sobre armas — Sobre comportamento moral e civil — Sobre vendas de terrenos — Sobre regulamento policial — Sobre justificações Administrativas.

**Nos Cartórios Notariaes**  
Da obtenção nas Secções de Finanças — de sisas — e nas Conservatórias do Registo Predial e Commercial — das respectivas certidões — para o efeito de serem lavradas as competentes escrituras, bem como qualquer outra documentação — que necessária se torne — para o referido fim, sendo certo, que a intervenção de — solicitador — não acarreta mais um encargo para o publico, visto que, pela incumbência destes serviços, o publico paga nos cartórios notariaes, onde estes serviços são desempenhados, honorários, independentemente da conta da respectiva escritura.

**Nas Companhias de Seguros Comercio e Indústria e Eagle-Star**  
Escritório: Rua Cândido dos Reis, 81  
Vila Real de Santo António

## UM POETA LUSO-BRASILEIRO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Em transformar a rica província de Minas Gerais em Estado independente de Portugal. Por virtude desta aventura malograda, o poeta foi preso em 25 de Maio de 1789, esteve encarcerado até Julho de 1791, na ilha das Cobras, respondeu em julgamento de 22 de Maio de 1792 e, condenado em exílio perpétuo, partiu para Moçambique, donde não mais voltou. Todos os seus sonhos de amor se desfizeram sob o impulso do sentimento de libertar a terra da sua amada.

O problema é muito complexo. E perante a penúria de elementos documentais, afigura-se quase irresolúvel. Melhor será adoptarmos uma tese intermédia, que satisfaça as duas Nações, considerando Gonzaga poeta luso-brasileiro. De resto, não está ainda averiguado até que ponto a sua poesia sofreu a influência do movimento da Arcádia, onde se congregaram os grandes líricos do tempo. A caso teria Gonzaga pertencido a essa Arcádia. As opiniões dividem-se. Ao certo, nada ainda se apurou.

Este artigo nasceu da leitura do livro «Vila Rica», de Alcibiades Delamare, no qual encontrei um longo artigo, todo evocativo desse grande amor que originou a «Marília de Dirceu».

Diz-nos o escritor, a pág. 186 da sua obra:

«Da terceira janelas da «Casa Grande», a contar do lado esquerdo, costumava Marília aguardar, ao cair da tarde, a passagem do poeta apaixonado. Outras vezes, de sua própria residência, à rua do Ouvidor em cujo prédio actualmente funciona o Instituto Histórico de Ouro Preto, Gonzaga, da varanda, alongando a vista por sob o vale de António Dias, contemplava extático a sua amada, que de longe mesmo lhe enviava amorosos olhares.»

Na «Casa Grande» residia, portanto, a Marília. Segundo o autor que estamos confrontando, a «Casa Grande» situava-se numa pequena elevação fronteiria à igreja matriz de Ouro Preto. Era um prédio de rés-do-chão alto, com uma porta, ao centro, ladeada de imensas janelas de tipo guilhotina. Depois da morte da

ção de — solicitador — ou com a intervenção deste e de advogado.

**Nas Capitanias dos Portos**  
De todos os requerimentos que o publico careça de apresentar.

**Nos Organismos Corporativos**  
De todos os assuntos — junto dos Grêmios e Juntas.

NOTA — Aqui fica mais uma elucidação e com ela a renovação do nosso pedido, de que se respeite e continue a respeitar a Lei, no tocante ao exercicio da solicitatoria ilegal — que não permitimos.

O exercicio da solicitatoria — está, por lei — reservada aos solicitadores — podendo também, é certo, ser exercida por — advogado — mas muito mal lhe corre a vida quando o advogado tenha que precisar de viver dos fracos proventos da solicitatoria.

A sua missão é mais elevada — é o técnico do Direito — e este não se discute — nos simples serviços de solicitatoria

Vila Real de Santo António, 18 de Janeiro de 1956.

José Cândido Monteiro  
Solicitador provisionário

Agente das Companhias de Seguros Comercio e Indústria e Eagle-Star  
Escritório: Rua Cândido dos Reis, 81  
Vila Real de Santo António

noiva de Gonzaga, ocorrida em 1855, o povo começou a chamar-lhe «Casa de Marília». Em seu lugar ergue-se hoje o edificio da Escola Normal.

A cidade de Ouro Preto evoca, a todo o momento, esse grande amor platónico que o poeta, com seus 58 anos bem vividos, soube incutir naquela mocinha recatada de, apenas, 17 risonhas primaveras. Ainda existe a «ponte de Marília», onde — garante-nos Alcibiades Delamare — «Gonzaga ao cair da tarde do ano de 1788 passava horas de frio, olhando a janela da «Casa Grande», ali próxima, onde morava Maria Doroteia Joaquina de Seixas, a Marília de Dirceu.»

São deste tempo uma parte das poesias que depois saíram em volume, primeiro dos pelos portugueses, em 1792, depois no Brasil, em várias edições. Essa obra, pelo intenso drama amoroso que revela, rapidamente obteve a aceitação do publico.

Entretanto, há muita coisa inexplicável nesse amor e factos, que não estão devidamente averiguados, muito importantes para se chegar a uma conclusão concreta.

Assim, sabe-se que a despeito de ser contrariada pela família, Maria Doroteia teve o casamento contratado com Gonzaga, e que o acto nupcial só não se realizou por virtude da prisão do poeta. E isso uma razão plausível? Parece que não. Marília podia ter acompanhado seu noivo para Moçambique, mas preferiu ficar saudosisticamente na sua terra, onde veio a morrer em 1855.

Depois de iniciar o degredo, não consta que Gonzaga tivesse escrito a inspiradora dos seus versos. Porquê? Mistério. Há mesmo uma versão portuguesa que afirma ter o poeta casado em África. Isto é afirmado pelo erudito Inocência Francisco da Silva que, no seu Dicionário Bibliográfico escreve: «Desembarcando em Moçambique, foi pouco depois assaltado duma febre ardente e mortal, a cuja violência teria sem dúvida succumbido, se lhe não valessem, segundo se diz, os eficazes cuidados de D. Juliana de Sousa e Mascarenhas, filha de Alexandre Roberto Mascarenhas, que em sua casa benignamente o hospedara, e com a qual, esquecido da sua Marília, veio a casar no ano seguinte, em 1795. Em Moçambique passou os últimos anos da sua vida amargurada, ora entre acessos de louca e tenebrosa melancolia, promovidos pela lembrança de suas desditas, e agravados pelo génio leviano e perdulário da esposa que não tardou em dissipar os bens provenientes do dote e da legitima paterna...»

Os intellectuais e estudiosos brasileiros negam que este casamento se tivesse realizado, mas não explicam o motivo que levou Tomás António Gonzaga a permanecer em África até 1808, data da sua morte, uma vez que a prisão perpétua lhe foi comutada, por sentença de 15 de Outubro de 1790, em 10 anos de degredo, apenas com a condição de não voltar à América.

O episódio amoroso de Maria Doroteia com Gonzaga tem certos pontos de semelhança com a história, também verdadeira, de Heloisa e Abelardo: «A mesma paixão serôdica do namorado; a mesma opposição da família, por parte da namorada; e uma impossibilidade impossível de vencer a inutilizar o casamento.

Porém, após a separação, Heloisa foi sempre dum inconformismo absoluto. Ela, mesmo no convento, nunca foi capaz de apagar o fogo da sua intensa paixão. O idílio continuou em cartas.

Ao contrário, a tragédia amorosa de Gonzaga com Maria Doroteia não possui, ao que parece, missivas que a documentem. O destino separou inexoravelmente aquelas duas almas. O tempo, tudo leva a crer, trabalhou como cicatrizante das fundas feridas que o amor abria.

Naturalmente, os namorados nunca mais souberam um do outro e... foram-se deixando morrer sob a influência das recordações dos tempos de feliz idílio.

Sem dúvida, Gonzaga deve ter perdido todas as esperanças de vir a possuir Maria Doroteia.

Mas teria a sua paixão sido um brazeiro apenas alimentado pelo desejo de posse? Ou teria ela como base um anseio de carácter espiritual, susceptível de tirar lenitivo dum intercâmbio epistolar? Impossível responder. Nada mais possuímos do que o pequeno livro de poesias, onde a ardência desse amor se reflecte. Outras provas, se as há, possuí-as o Brasil.

J. Silva Carvalho

Visado pela Comissão de Censura

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

## Empregada

PARA SERVIÇO DE CAIXA  
PRECISA-SE

Resposta a HILDERICO DO NASCIMENTO PIRES  
VILA NOVA DE CACELA - Telefone 14

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do  
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**MERCEDES**

é a última palavra da técnica  
Além em máquinas de escrever



Agente no Algarve:  
**APARTADO 70**  
**FARO**  
Aceitam-se sub-agentes

**HOMENAGEM**  
ao saudoso dr. João Dias

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

querido, como o adoravam, a gratidão pelos benefícios que dele receberam. De facto, todos quantos tiveram necessidade da sua ciência, do seu conselho amigo, do seu coração, numa palavra, dos seus serviços, são unânimes em afirmar que nunca encontraram da parte do dr. Dias nada que não afirmasse a sua bondade, a nobreza do seu carácter.

E quem passa pela Terra, como o dr. João Dias, espalhando o bem às mãos cheias, derramando benefícios por toda a parte, acudindo a todas as dores, fosse a que horas fosse, cuidando de tudo e de todos, sacrificando a família para socorrer os estranhos, matando-se a si próprio enquanto salvava os alheios, prejudicando-se a si e aos seus em proveito dos outros, quem assim procede durante toda a vida, como iamoz dizendo, merece o respeito, a consideração e a gratidão de toda a gente.

Ora, porque assim é, desde os primeiros tempos da sua morte que nos surgiu a ideia de prestarmos uma justíssima homenagem a este grande benemérito, erigindo na vila de Alcoutim, terra que tanto lhe ficou devendo, um monumento a perpetuar para sempre o seu nome e a honrar a sua memória.

Esta homenagem, que a princípio tínhamos destinado exclusivamente ao concelho de Alcoutim, entendemos por bem torná-la extensiva a quem nela queira compartilhar, para que melhor possa exprimir o reconhecimento de todos os que são gratos e agradecidos. E, assim, dada a impossibilidade de nos dirigirmos pessoalmente, servimo-nos deste processo para manifestar publicamente e levar ao conhecimento de todos a intenção que nos anima.

Qualquer donativo para o fim em vista poderá ser dirigido ao presidente da Câmara Municipal, ao comandante do posto da G. N. R. ou ao provedor da Misericórdia, que fazem parte da Comissão que se propõe levar a efeito esta homenagem.

Cientes de que este apelo vai ser recebido com o carinho que merece, desde já nos confessamos imensamente reconhecidos a aqueles que com o seu auxílio quiserem demonstrar o elevado apreço e a mais alta consideração que tinham pelo homem, pelo médico, pelo benemérito que foi o dr. João Francisco Dias.

Zé Maria

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da imprensa Algarvia!

**CONSTITUIU EXPRESSIVA MANIFESTAÇÃO DE SIMPATIA**

a homenagem ao professorado e à sr.ª D. Maria dos Anjos Neves

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

toridades, entidades representativas locais, professores, muitas famílias distintas da nossa sociedade e numerosos antigos alunos, muitos dos quais vindos de longe (alguns de Lisboa, expressamente), deu-se início à sessão, após o ingresso da veneranda homenageada, recebida com muitas palmas e acompanhada por um grupo de amigas e por membros da Comissão Organizadora.

Tomou assento na presidência o ilustre pároco desta freguesia, rev. padre Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, que ficou ladeado pela sr.ª D. Maria dos Anjos, sr. José da Silva Rodrigues Moraes, em representação da Câmara Municipal; sr. dr. Raul Folque de Brito, presidente da comissão; professor Francisco Caldeira Alexandre, delegado escolar neste concelho, e eng. João Manuel Gomes Barroso. Aberta a sessão, pronunciou o rev. prior Galhardo algumas palavras repassadas de vibração e sentimento em relação à solenidade que se estava a efectuar, exaltando a nobre missão do professorado e dirigindo especialmente as suas homenagens de admiração à distinta professora em foco. Seguidamente, deu a palavra ao sr. Fernando Moraes Rodrigues, para que lesse o expediente da mesa e falasse em nome da Comissão Organizadora.

Foram lidos telegramas de saudação e de cumprimentos enviados pelos srs.: Francisco da Cruz Martins (Beja), cap. Fernando Lomelino e cap. José Lomelino, Francisco Camarada Martin, D. Isabel Franco, José Barão, Cláudio de Oliveira e Cláudio de Oliveira Júnior, D. Idalina Azinheira Prial, eng. João Abecassis, dr.ª D. Ofélia Azinheira e D. Maria João Azinheira Alves, (todos de Lisboa); Abel Teixeira, Américo de Brito Neves (Montalegre) e D. Maria Cid, professora do ensino secundário particular, nesta vila.

Em seguida, procedeu-se à leitura dum interessantíssimo discurso, enviado de Lisboa pelo prestigioso jornalista, nosso estimado colaborador e também antigo aluno, sr. José Barão, que à última hora não pôde vir assistir a esta festa, como tencionava, por motivo de doença. Dessa magnífica peça oratória, extraímos o seguinte período final:

«Se nós, os alunos — velhos ou novos — devemos muito do que somos à professora, sr.ª D. Maria dos Anjos Neves, a Nação deve-lhe muito mais — deve-lhe o reconhecimento de ter sabido preparar bons cidadãos que, cada qual nas suas actividades — humildes ou elevadas — têm procurado servir com utilidade o seu País, honrando, conseqüentemente, a mestra de quem receberam o ensino e na qual surpreenderam exemplos de delicado apuro e de dignidade que muito lhes aproveitaram pela vida fora. Gostaríamos todos que os métodos pedagógicos ao amparo dos quais formámos a nossa consciência e os ensinamentos morais que recebemos da nossa professora constituíssem norma de todo o professorado. Creemos que é este o nosso melhor elogio que podemos fazer a quem soube honrar e dignificar o magistério primário. E se a sr.ª D. Maria dos Anjos Neves se orgulha dos seus alunos, a maioria deles dispersa por esse mundo e ignorando ainda o acto de justiça que se está aqui a praticar, a verdade é que também os seus alunos se orgulham da sua professora e guardam no peito um sentimento de gratidão profunda por quem soube instruí-los e educá-los com devoção e saber — por quem soube fazer deles homens dos quais nunca teve de corar de vergonha.»

Em nome da Comissão promotora da homenagem, bordou então o sr. Moraes Rodrigues algumas rápidas considerações sobre as finalidades próximas e remotas daquele acto de reconhecimento e simpatia, vincando que a classe do professorado primário merecia ser mais considerada socialmente, em virtude da grandiosa tarefa que lhe incumbia de preparar, em primeira mão, o material discente que haverá de transitar depois para os cursos secundários e daí para a Universidade. E, pois, sobre a base de educação formativa, e valorizando a incipiente personalidade que o professor primário ajudou a despontar, que terá de assentar todo o trabalho docente dos graus de ensino médio e superior, para a formação das elites. E assim, estas valerão primariamente como reflexo da competência e dedicação dos nossos mestres e pedagogos infantis.

Pode, portanto, avaliar-se quanto difícil e espinhosa se apresenta a sua missão a um professor consciencioso, bem como a sublimidade de que ela se reveste, na escala dos valores morais e sociais, em que pode equiparar-se na projecção e na responsabilidade à do sacerdote e à do médico. Toda-

via, dentro da hierarquia valorativa, é de lamentar que o mestre primário não goze do prestígio a que lhe dão jus a sua posição de pioneiro do ensino e as suas graves responsabilidades de modelador de cidadãos, que não de servir, digna e honrosamente, o País e a Humanidade.

Depois destas palavras, o orador anunciou que ia ser feita a entrega, em nome dos discípulos mais antigos, dum afectuosa lembrança à sua veneranda professora. O sr. dr. Raul Folque, como presidente da Comissão, entregou então à distinta homenageada um estojo contendo um adereço de ouro e pérolas, um artístico relógio de mesa com embutidos de prata e um fio de ouro, adquiridos por subscrição entre todos.

Como expressão de afectuoso reconhecimento dos alunos do último curso que a sr.ª D. Maria dos Anjos leccionou antes da sua retirada, vieram dois meninos participar na homenagem. Foram eles José Domingues e Domingues, que recitou bem um soneto alusivo ao acto, e João Manuel Alves, que fez entrega dum ramo de flores naturais, com um beijo de agradecimento e despedida, enquanto a selecta assistência comovidamente aplaudia.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Francisco Caldeira Alexandre, delegado escolar, que produziu um emotivo discurso de bom recorte literário, em que focou alguns traços marcantes da carreira de magistério da sr.ª D. Maria dos Anjos, sendo muito aplaudido, no final, pelo merecimento do seu trabalho.

Com os emocionados agradecimentos da homenageada a todos quantos a tinham distinguido com a sua simpatia e apreço, que muito a sensibilizavam como mulher e como professora, foi encerrada a sessão.

Entre a numerosa assistência que enchia completamente a sala, registámos a presença dos antigos alunos srs. Manuel Pinhol da Encarnação, de Lisboa, Artur Aleixo Horta, de Loulé, José Mendes Telo e António V. Campinas, de Faro, os quais se deslocaram expressamente a esta vila para assistirem ao festivo acto. Também se encontravam presentes, entre outras personalidades, os srs. Fabricio Pessanha Barbosa, em representação do sr. presidente da C. Concelhia da U. N.; drs. Joaquim Teixeira Marques e Aurélio Machado, pelo Externato Nacional; João Vaz Sanina, representando o sr. comandante dos Bombeiros Voluntários; delegada da M. P. Feminina, sr.ª D. Maria Vitória Correia; directora da Escola P. Feminina, sr.ª D. Maria da Purificação C. Pacheco e dig.º professorado das escolas do Con-

celho; chefe dos Escuteiros locais; correspondentes da Imprensa; representante do I. A. F., sr.ª D. Norma Pires; presidentes e filialedos dos diversos organismos da A. C.; direcções dos clubes desportivos e recreativos locais, Lusitano F. C. e Glória F. C.; proprietário e editor do «Notícias do Algarve», etc., etc.

Após a homenagem, a sr.ª D. Maria dos Anjos foi acompanhada a sua casa pelos membros da Comissão Organizadora, colegas no ensino, alunos e pessoas íntimas, a quem agradeceu por todas as manifestações dispensadas, obsequiando-os com um fino e abundante copo-de-água, em que usou brilhantemente da palavra, para brindar, o distinto notário e advogado sr. dr. João Domingues Medeiros.

\*\*\*

A Comissão aproveitou o ensejo para agradecer publicamente ao Ex.º sr. Director Escolar deste distrito a sua autorização telegráfica, recebida no domingo, 15, cedendo a sala na Escola Masculina, que infelizmente não pôde ser aproveitada. Também agradece à Ex.ª Direcção da Associação Democrática pela gentil cedência do salão de festas, e ainda a Ex.ª sr.ª D. Clara Tenório da Cruz Martins, o amável empréstimo das colgaduras e objectos para as decorações do mesmo recinto, bem como ao sr. Guilherme do Carmo Padesca, pelos esforços despendidos para que tudo decorresse na melhor ordem.

Também na véspera da sessão solene, um grupo de colegas da sr.ª D. Maria dos Anjos esteve em sua casa, para oferecer-lhe uma artística floradeira de prata, em nome do pessoal docente das escolas desta vila. Registámos que um antigo aluno, hoje cadete da Escola do Exército, sr. António Eduardo Mateus da Silva, ofertou particularmente à mesma senhora uma linda salva de prata.

Ao terminar estas notas de reportagem da grandiosa manifestação, que a todos comoveu e satisfiz plenamente, cumpre-nos exarar nestas colunas, para conhecimento publico, o resultado final da subscrição promovida para a oferta dos antigos alunos. Com a importância de 100\$00 recebida do sr. Fabricio Pessanha Barbosa, o total recebido eleva-se a Esc. 2.370\$00, que foram despendidos da forma seguinte:

Facturas da Ourivesaria Miranda Júnior . . .	2.300\$00
Factura da Tipografia Socorro, cartões de convite . . . . .	50\$00
Fitas de seda e gratificações para limpeza e arrumação da sala . . .	24\$00
Total . . . . .	2.374\$00

**UMA CRÓNICA POR SEMANA**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

das autoridades é o facto de, de uma maneira quase geral, os automobilistas terem em pouca conta a vida e a integridade física de quem utiliza o «scooter». De resto, os automobilistas em Portugal são muito individualistas, só pensam em si e não têm o mínimo respeito pelos outros, cada qual que se «safe» o melhor que possa. Daqui resultam, a cada passo, os numerosos incidentes e acidentes que diariamente se verificam, cada vez em maior número, subindo sempre vertiginosamente, de uma forma verdadeiramente alarmante.

Nem sempre as medidas policiais adoptadas dão o resultado que seria para desejar e esperar, e até, em alguns casos, obtêm precisamente o inverso do que pretendem reprimir. Como exemplo, poderemos citar o que lemos a cada passo nos jornais diários acerca dos automobilistas que atropelam e fogem e daqueles aventureiros sem escrúpulos, que se metem a guiar sem que estejam devidamente encartados. Creio que estes indivíduos não deveriam merecer qualquer espécie de clemência.

O «scooter» está principalmente ao serviço de

**Solenes Exéquias**

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

horas do referido dia 27 ou facilitassem a saída aos empregados que desejassem assistir aos exercícios fúnebres celebrados na parte da tarde.

**Programa das Exéquias**

Às 11 horas — Ofício de Matinas e Laudes.

Às 17 horas — Missa Vespertina de Defuntos, Elogio fúnebre por um consagrado orador e Absolvição.

Digna-se presidir o senhor D. Francisco Rendeiro, Bispo do Algarve, devendo assistir as autoridades do concelho.

**CRÓNICAS DO TEMPO MORTO**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

seu, o que namorava a Liberata, e ocupava sempre a primeira linha quando se tratava de mistificar qualquer colega? O Sequeira, terrível! Andava para ali a enganar-se a si próprio, a enganar os pais e a tentar intrujar os mestres.

Também esse tinha a sua filosofia, uma filosofia irresponsável, de brincalhão, uma filosofia endiabrada. Só o Castro, ou o Castro é que parecia não ter história. Pertencia à massa amorfa, tal como nós todos; não nascera para brilhar como o Martins nem provocar ódios como o «lérias». Era uma outra loiça. Fugia do convívio da rapaziada e ia enterrear-se na sala da Biblioteca a ler livros a que ninguém dava utilidade e préstimo. Um dia, o Sequeira, depois de lhe apanhar um cigarro, bateu-lhe no ombro e observou: «Trata de ti, rapaz! andam pra aí a rousnar que agora deste em exumador de cadáveres.» Aludia, como viemos logo a saber, à mania de gastar o tempo na Biblioteca Municipal a folhear os cortapácios negros e sujos. Toda a gente riu, com excepção do Martins, que era um rapaz ajuzado e circunspecto. Passava-se isto à volta do ano de 1935, e embora a vida corresse fagueira, já nos íamos apercebendo das dificuldades que nos esperavam no futuro.

Poi precisamente nesse ano que os hábitos do Castro se modificaram e nos surpreendeu com a sua vivacidade, uma voz grossa, roufenha, e até umas maneiras um pouco acanhadas, numa tosa imitação de inexperiente cinismo. O Sequeira, folgazão, propalou logo a novidade: Olha o Castro, que de Castro se tornou Finório. Finório, dessa finura que se bebe com o leite da teta da mãe ou se aprende na safadeza da vida, o

Casto era outro, Vinha diferente, com novo brilho nos olhos de vitelo e disposto a erguer os seus méritos à altura da sua velhacaria. E, de um dia para outro, nos corredores da escola e nas ruas encontrávamos o Castro com a Fernanda, a delambida da Fernanda, muito chegados, a rirrem-se parvamente, a debicarem beijos pelas sombras das velhas ruas da Baixa. Mas, um dia, o Castro desapareceu da escola. Soube-me que, a seu pedido, fora transferido para Lisboa. Todos o esquecemos e dele apenas guardamos a palidez característica do rosto, as falas mansas, a mania de ler livros boletentos, e um sorriso melado nos lábios que ninguém sabia se distilavam essência aromática ou peçonha. O Arnaldo, coitado, que, em certas ocasiões, aparecia com as suas conjecturas, costumava dizer: «Este papa-azorda ainda vai dar que falar.»

E deu, deu que falar, e até nos jornais, periodicamente, se sentem na obrigação de dedicarem algumas linhas ao nosso Castro, o Castro, o nosso filósofo. Só hoje, e a descoberta não tem grande mérito, é que podemos medir todos os talentos do nosso antigo condiscipulo. Pequenos factos ocultos na sua aparente insignificância tornaram-se insólitamente elucidativos. Tinha, na verdade, todas as qualidades indispensáveis para triunfar na vida. O seu temperamento ensimesmado, uma prodigiosa faculdade de mimetismo, a qualidade de se apagar no meio da multidão, e essa assombrosa virtude, esse derradeiro trunfo de nunca emitir uma opinião clara, franca, directa. «Este pulha nunca mostra o seu jogo» — dizia o Arnaldo. Mas nenhum de nós dava ouvidos às balelas do Arnaldo.

Um dia destes, o Arnaldo, que anda aí pelas ruas a gastar os

desperdícios duma vida mal vivida, a vender ao desbarato o seu talento que ainda ninguém soube aproveitar, arrastando-me para o café, evocou na sua linguagem os tempos mortos da escola. E inevitavelmente, ocorreu-nos o nome do Martins, o grandalhão do Martins, o «urso», esse rapaz que nascera velho, muito atilado, muito taciturno, muito sabedor. Eu lembrei a Liberata, a rapariga franzina, delicada, de corpo quase evanescente, a que sabia de cor «A Craveira da Mártir» do Camilo. Ah, essa morreu, morreu, coitada! Tística! Um drama, meu carol! Descobri nos olhos do Arnaldo, na luz pura dos seus olhos pisados pela dor, lágrimas fugitivas. Enternei-me. Lembrou-me imediatamente a recordação do namoro ingénua da franzina Liberata com o brigão do Arnaldo. Enternei-me, sorri. E então, em unissono, falámos do Castro, o Castro como todos lhe chamavam. Andava o seu nome em grandes parangonas nos jornais, quase todos o consideravam como um grande homem, uma espécie de monumento, uma reliquia nacional. Saíra o mais fino, o mais esperto de todos nós. Voara alto, o malandro! Quem diria que o «exumador de cadáveres» tivesse tanta fineta para a vida. Nascera para aderir à cor do tempo. E, de vez em quando, deliciava-nos com os seus belos discursos, burilados em frases bonitas, ornamentados com ideias onde brilhavam sempre as mais elevadas virtudes. Para alguma coisa lhe serviram os cortapácios — disse o Arnaldo. Aquele melro tem toda a história colada à língua!

Melancolicamente, despedim-nos. Uma chuva peganhenta, viscosa, aderida aos fatos e parecia trespassar os próprios corpos. E na larga praça iluminada, homens mostravam semblantes tristonhos e um garoto dependu-

quem nada tem de seu. Modesto empregado, comerciante ou industrial, tem a sua máquina para conseguir dar as voltas do dia-a-dia necessárias à angariação dos magros proventos de que necessita para si e para os seus. A maioria desses pequenos veículos estão por pagar ainda e constituem propriedade das firmas que promovem a sua venda.

Todas essas firmas se mantêm atentas ao que pode atrair para as suas máquinas o maior número de compradores e não se esquecem de exaltar as virtudes que as marcas que representam possuem, esquecendo, propositadamente, os defeitos que possam ter. Enquanto umas se valem da qualidade, outras deitam mão das excepcionais facilidades de pagamento e são estas últimas, mercê do nosso baixo nível de vida, aquelas que conseguem vender maior número de unidades.

O «scooter» está também a marcar o seu lugar em provas desportivas, e é inegável o contributo valioso que tem trazido ao desenvolvimento do motociclismo nacional.

Não poderemos deixar de apontar aqui quanto de perigoso tem esta máquina, leve quase sempre e de pouca estabilidade. A aprendizagem da sua condução é feita sem a atenção e o cuidado que se impõe. Não há possibilidade de demorar muito a instrução; não dá resultado para qualquer das partes: nem para quem as compra (que precisa de circular), nem para quem as vende. O muito que há a aprender na condução de um «scooter» obtém-se com o tempo, com o número de quilómetros andados, com as quedas mais ou menos conseqüentes e aparatosas, nas peripécias que todos os dias acontecem e, inegavelmente, nas provas desportivas, em que é posta à prova a sagacidade e habilidade dos condutores.

O «scooter» está ainda ao serviço do turismo nacional (e até internacional), e põe à disposição de um grande número de indivíduos a paisagem maravilhosa do nosso país.

O S. N. I. poderia promover entre os «scooteristas», com a colaboração das pouçadas, da F. N. A. T. e de outras entidades, passeios turísticos e culturais, que seriam de real valor e inspirariam, por certo, um movimento turístico de valorização cultural e folclórica a que a gente portuguesa menos endinheirada (por esta razão) não está habituada.

Os milhares destes veículos que já se encontram em circulação em todo o País exigem das entidades oficiais um amparo, uma protecção e uma atenção especiais, a que, incontestavelmente, têm direito, entre outras razões, pelo valor económico que representam já para a Nação.

José dos Santos Marques

**AUTOMÓVEL**  
Vende-se automóvel  
com direito a esta praça.  
Trata: António Ruivo  
Madeira - Vila Real de  
Santo António.  
Rodrigues Pena